

"Com o fato de termos que ficar dentro de casa, não tivemos alternativa senão a aprender também a olhar para dentro de nós, refletir sobre quem somos, os laços que temos com as pessoas que amamos e foi possível enxergar o quanto o homem tem tudo em suas mãos e ao mesmo tempo não tem nada"



No início foi tudo muito novo e demorei a me adaptar à nova rotina e a nova realidade, como as reuniões por vídeo chamadas. Outro grande desafio foi compartilhar o mesmo ambiente de trabalho com a família. No entanto, o lado bom foi poder conviver mais com eles todos os dias, pois já fazia três anos que não conseguíamos tirar férias juntos e, muitas vezes, nossos horários de trabalho e estudo eram conflitantes.

Retomei práticas que a correria do dia a dia não me permitia mais, como assistir filmes em família ou "maratonar" novelas antigas, terminar leituras atrasadas que não estivessem ligadas ao meio acadêmico ou ao trabalho e iniciar novas leituras, também voltei a cozinhar e fazer receitas antigas de família, além de me aventurar a aprender receitas novas.

Com o fato de termos que ficar dentro de casa, não tivemos alternativa senão a aprender também a olhar para dentro de nós, refletir sobre quem somos, os laços que temos com as pessoas que amamos e foi possível enxergar o quanto o homem tem tudo em suas mãos e ao mesmo tempo não tem nada. A pandemia nos mostrou nossa fragilidade, nossos limites e nos convidou, e ainda convida, a reexaminar nosso papel enquanto cidadãos do mundo.

Foto: Minha família e eu assistindo algum filme de super heróis da Marvel

Adriane Oliveira de Andrade da Silva

Biblioteca de História das Ciências e da Saúde/COC